

O FAZEDOR DE VELHOS: LEITURAS SENTIDAS

Keila Matida de Melo*

Wellington Ribeiro da Silva[‡]

RESUMO: Discutir os sentidos de leitura em *O fazedor de velhos*, de Rodrigo Lacerda, propósito deste trabalho, pressupõe apreender histórias de leitores que se assemelham à história de Pedro, narrador-protagonista do livro. Pela narrativa, é possível também captar sentidos evidenciados sobre tempo, verdade, história e literatura, bem como estereótipos e representações que reforçam maneiras de ver e perceber a relação leitor e livro-clássico-erudito. Soma-se a isso o delineamento do livro como romance de formação cuja defesa é pela estética literária. Mesmo com todo esse alargamento de sentido, o livro, contemplado com inúmeras premiações, aborda tais sentidos superficialmente e paradoxalmente. Todavia, assegura, como não poderia deixar de ser, o lugar da literatura como percurso formativo que resulta na passagem leitor-escritor.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Literatura. História.

O FAZEDOR DE VELHOS: SENSE READINGS

ABSTRACT: The purpose of this work is to talk about the sense readings in the book *O fazedor de Velhos*, by Rodrigo Lacerda. The premise here is to learn similar histories with Pedro's history, the books mainly narrator. During the narrative, it is possible to see senses about time, truth, history and literature, as well as the stereotypes that helps to increase the ways to see and realize the relationship between the reader and the reader-classic-scholar. In addition to all of this the book is about a romance which is a literature esthetic. Even with all the books sense, contemplated with countless awards, approach the senses in a superficial way. However, the book assures that the literature is a formative way between the reader-writer.

KEY –WORDS: Reading. Literature. History.

Introdução

Neste artigo, pretende-se não apenas apresentar uma obra da literatura juvenil três vezes premiada, mas também de expor sentidos decorrentes dessa leitura. Ao fazer isso enuncia e anuncia modos de ver o mundo e de sentir a realidade pela voz do narrador-protagonista Pedro. Enveredando-se pela infância como reminiscência, projetando o futuro como sombra e alcançando o presente como passagem, o percurso de Pedro se mantém, como sustentáculo, pela leitura literária. Horizonte cultural de origem, essa leitura prefigura-lhe o

□ Doutora em Educação e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: k_mcosta@ufg.br

‡ Doutorando em História pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás e professor da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: Wellribas@hotmail.com

lugar social de escritor como fazedor de histórias, que enlameado pelo tempo, faz-se velho porque sente o mundo.

O fazedor de velhos narra a história de Pedro, seu percurso formativo, tendo como amparo, auxílio nesse sentido, um professor - Nabuco. Nessa trajetória, o fazer-se velho vai se mostrando na relação que o personagem estabelece com o outro e consigo mesmo, inclusive pela literatura. Fazer-se velho que resulta em ser escritor, experiência das letras, como começo e continuidade tal qual faz Calvino (2006).

Nesse sentir, experienciar ao fazer-se velho, a narrativa aponta a forma como a literatura alcança o leitor e, portanto, o transforma. Por esse percurso, os sentidos de leitura percebidos na obra buscam desnudar o que, de algum modo, ali se evidencia: a relação leitor e livro, a discussão sobre o tempo, sobre história, sobre literatura e outros. Esgarça daí a representação de leitura, de leitor e de escritor a partir de certas obras e certos livros.

Visando alcançar tal propósito, este texto encontra-se dividido em três partes. Na primeira, assegura a prática de leitura como cultura herdada de família ao entrecruzar histórias de leituras cuja trajetória se assemelha a do narrador-protagonista Pedro. Na segunda, percorre sentidos de leitura apontando estereótipos, confronto entre história e literatura, verdade e ficção, amor e ciência, bem como a escrita como arte de narrativizar. Na terceira, aponta fragilidades no entrecruzamento tempo, história e literatura.

1.1 Leituras recorrentes: histórias que se entrecruzam

As editoras brasileiras têm investido de maneira crescente na materialidade do livro, no aspecto tipográfico da obra. *O fazedor de velhos*, livro premiado na categoria juvenil¹, de autoria de Rodrigo Lacerda, é exemplo disso. Com capa cuja imagem de fundo sinaliza tecido e ilustrações com traços e círculos compondo figuras geométricas, a obra apresenta duplo colorido de páginas: branco e alaranjado. Esse colorido alcança inclusive a numeração das páginas. Esteticamente, tais características tornam a obra diferenciada e atrativa ao público leitor. Soma-se a isso, a distribuição do texto nas páginas e o próprio título do livro, que, se inicialmente não é tema necessariamente da juventude, são bastante sugestivos para o público adulto.

¹ Lançado em 2008, o livro recebeu os prêmios Jabuti em 2009, Melhor Livro Jovem pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Glória Pondé de Literatura Infantil e Juvenil. Ambos em 2009.

Em *O fazedor de velhos*, o narrador-protagonista narra sua relação com livros. O título que inaugura o primeiro capítulo da obra instaura o sentido que irá permeá-la inteiramente: ligação entre leitor e livro. Por isso, em “Tudo começa sem a gente perceber”, ou mesmo “A idade dos livros”, o que se evidencia é formação pela leitura estética, flagrada, inclusive, no restante da narrativa a partir, sobretudo, do papel do professor Nabuco. Numa relação entre preceptor e discípulo, “As primeiras pesquisas”, “A natureza humana”, “Opção difícil”, “Me fazendo velho”, “Moscas e meninos travessos” possuem como urdimento a experiência estética.

Antes, no entanto, do encontro de Pedro com o velho Nabuco, a formação de leitor do narrador-protagonista ocorre pelo papel dos pais: um advogado leitor de obras densas e amante da literatura russa e uma professora de literatura que promove sessões de leitura literária com os filhos. A origem aponta um horizonte cultural, diria Pompougnac (1997), ao descrever algumas histórias de leitores, como as de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e François Mauriac e outras.

No primeiro caso, é o avô escritor burguês quem seduz Sartre ao universo do livro. Todo um ritual de acesso ao livro fomenta a vontade de ler de Sartre ainda menino: o caminhar do avô em direção ao livro, a forma como ele pega e manuseia a obra escolhida aleatoriamente, inclusive o estalo ao abrir esse objeto de culto e de desejo. Já Simone de Beauvoir teve o pai como iniciador, e selecionador, de suas primeiras leituras. Mais do que isso, a leitura oralizada em família, a paixão pelos clássicos, fez do pai o mediador da relação leitor e livro. Para Mauriac, a mediadora desse encontro foi a mãe, mesmo tendo acesso a poucos livros em função da interdição católica.

A história de leitor de Mauriac corrobora com a de Proust (2011) quando das práticas de leitura emerge memória. E é a leitura como sentir que transforma, que fixa, que permanece porque ela, assim, não se encontra desenraizada de um tempo, de uma história. Na contramão de uma leitura que se faz berlinda, ser leitor é sentir o tempo como passagem, tempo interior, mas também exterior, tempo fugaz, mas também alongado. Tempo da espera. Tempo de ser outro. Tempo de ser velho, como será discutido posteriormente.

Se Pompougnac (1997) dá sentido às práticas de leitura de Sartre, Beauvoir e Mauriac como cultura herdada de família, a mesma situação vive o narrador-protagonista Pedro, de *O fazedor de velhos*:

Lembro das sessões de leitura de poesia a que eu e minha irmã éramos submetidos pela nossa mãe, em geral eu, caía de joelhos a sua frente com gestos de reza

fervorosa, e o outro, normalmente minha irmã, agarrava sua mão como a intensidade de um moribundo fazendo o último desejo. Ela nos olhava contrariada, mas ria do nosso desespero exagerado: “Para, mãe, pelo amor de Deus, para!”. (LACERDA, 2008, p. 7).

É a mãe quem apresenta ao narrador-protagonista, ainda menino, autores como Castro Alves, João Cabral de Melo Neto, Fernando Pessoa, Eça de Queirós e outros. Já o pai, além de leitor de Eça, presenteia Pedro com a edição completa de Shakespeare em inglês. Obra como objeto de saber e de poder que provocará, de muitos modos, o desenlace da narrativa. Inicialmente porque esse “tijolão shakespeariano” (LACERDA, 2008, p. 21), acrescido da roupa parecida como a que o pai usava e dos óculos da irmã, deu ao narrador-protagonista legitimidade para viajar como adulto porque o livro o fez velho. Posteriormente, é com *Rei Lear* que ele compreende a natureza humana ao se sentir humano também, ao sentir-se atingido pela leitura, ao identificar-se com personagens, ao vivenciar a fruição literária. *O fazedor de velhos*, desse modo, mostra-se como metaficção.

Das obras de literatura, a cultura herdada em família sustenta-se nos clássicos universais, tal qual retrata como direito de herança a escritora Ana Maria Machado ao narrar sua relação com a obra *Dom Quixote* pela visualização da escultura de bronze de Dom Quixote e Sancho Pança que enfeitava a mesa do pai-escritor:

Não sei direito com que idade eu estava, mas era bem pequena. Mal tinha altura bastante para poder apoiar o queixo em cima da escrivaninha de meu pai. Diante dele sentado escrevendo, eu vinha pelo outro lado, levantava os braços, pousava as mãos por cima da outra no tampo da mesa, erguia de leve o pescoço e apoiava a cabeça sobre elas [...] Só que no meio do caminho tinha outra coisa. Bem diante dos meus olhos, na beirada da mesa. Uma pequena escultura de bronze, esverdeada e pesada, numa base de pedra preta e lustrosa. Dois cavalos, Mais exatamente, um cavalo esquelético seguido por um burrico roliço. Montado no primeiro, e ainda mais magrelo, um tristonho cavaleiro de barbicha segurava uma lança numa mão e um escudo na outra. Escarrapachado no jumento, um gorducho risonho, de braço estendido para o alto, erguia o chapéu como quem dá vivas. (MACHADO, 2002, p. 8).

São os clássicos universais que irão asseverar uma certa representação de ser leitor e escritor a qual garantirá o lugar da autora no universo da literatura (SILVESTRE, 2007). Muito mais do que isso, asseveram um modelo de ser leitor e escritor a partir da cultura legitimada. Tal definição, com certeza, delineia parâmetros discutidos na história do livro e da leitura, como bem pontua Abreu (2001). De forma semelhante, como determinação do lugar do leitor, posteriormente escritor, e de certas obras literárias, Shakespeare é escolhido.

1.2 A recorrência da leitura em sentidos produzidos

Em *O fazedor de velhos*, a literatura enquanto padrão de um sentir, de um ver, de um experienciar faz do protagonista um velho no melhor sentido do termo: conhecedor da natureza humana, portanto, de sua própria natureza². Para que esse conhecimento se realize, o trajeto é acompanhado e guiado pelo velho Nabuco, como já foi dito na relação preceptor-discípulo. Em muitos momentos do livro, Nabuco cruza o percurso do narrador-protagonista e é percebido por ele com estranheza, como revela o excerto do capítulo 4: “Aquele velho estranho no meu caminho outra vez! Primeiro no aeroporto, depois na minha formatura, e agora...” (LACERDA, 2008, p. 44).

No entanto, um momento de indecisão acerca de escolha de curso acadêmico, já que Pedro fazia história, é justificativa para a procura de Nabuco por Pedro. Inicia-se, assim, uma relação de amizade e de tessitura de um propósito: fazer-se velho. É Pedro, então, quem procura Nabuco para saber se fez a escolha certa ao definir história como seu curso de formação. Antes de lhe dar resposta, o professor aponta alguns desafios ao narrador-protagonista, como uma pesquisa sobre perfis de personagens de literatura do livro que ganhou do pai. A imersão verdadeira na literatura, ou seja, com sentido real, não mais obrigatória como era na infância, vai permitir que Pedro emerja da leitura que faz transformado, como bem retratam os capítulos 5 e 6 da obra. Nesse trânsito entre mundo do papel e realidade, a literatura como estética é elucidada:

Estudar aquele personagem me fez lembrar tanto da minha infância! Cada cena de briga mortal com a minha irmã! Será que eu, um dia, só por inveja, seria capaz de prejudicar alguém com mentiras? Ou de cometer crimes? Eu achava que não, mas fiquei me vigiando por um tempo. Minha sorte foi que, ao estudar os personagens positivos, quer dizer, os mocinhos da história, me emocionei igualmente. Kent, o melhor amigo do rei Lear, por exemplo, é esperto, corajoso, sincero, absolutamente fiel, e extremamente afetivo com o pobre velho destronado. Cordélia, a filha cuja bondade é inflexível no começo, depois tem a chance de mostrar como era grande esta bondade. E o próprio Rei Lear. Há uma cena que foi, para mim, a apoteose de todos os sentimentos bons da peça. daquelas que, sempre vejo ou leio, eu choro. E fico em paz comigo mesmo, achando que para tudo há esperança. É quando o rei Lear reencontra a filha boa. (LACERDA, 2008, p. 63-64).

A alusão à infância pela identificação leitor e personagem, as dúvidas dali gestadas, a adesão ao personagem “bonzinho”, as lágrimas não contidas, tudo isso arrola o impacto da

² A esse respeito é interessante ressaltar que no rol de obras listadas pelo personagem, ora premido pelo professor, ora escolhendo ele próprio no curso de sua procura, há quase que uma exclusividade de obras de cunho clássico-literário em detrimento das filosóficas ou lastreadas em matrizes distintas da ficcional.

leitura literária no leitor, mesmo que o leitor seja o próprio personagem que ganha vida pela literatura, pela obra de ficção que o constitui. Dessa experiência resulta a validação do fazer literário.

Limites também são abordados na obra. Limite como demarcação de fronteira caracteriza os estereótipos propagados no livro, ou dados à análise, à contestação: “Ele era um jovem advogado bem-sucedido, ou seja, um homem magro, muito penteado, que até dormia de camisa social, e a quem, fora de casa, todos, todos mesmo, até os mais velhos, chamavam de dr. Luciano” (LACERDA, 2008, p. 18); “no Brasil, pensei, dificilmente ele iria se dar ao trabalho de me entregar. Ser um povo desregrado tem que ter alguma compensação” (LACERDA, 2008, p. 23); “Ela era a fusão perfeita de dois mundos que eu imaginava absolutamente incompatíveis: o cientificismo e a feminilidade” (LACERDA, 2008, p. 78) e outros. Limites, e contradições, também instauram a discussão sobre história e literatura, verdade e ficção, relação amorosa e intelectualidade.

No primeiro caso, o “duelo” história e literatura em determinado momento da narrativa se mostra nos vestígios e monumentos para leitura e instauração do passado. Por isso, Nabuco diz: “o historiador, para entender o homem do passado, precisa recuperar aquilo que é do homem, aquilo que é do seu tempo. E que só existiu ali; naquele homem, naquele tempo, daquele jeito, e nunca mais” (LACERDA, 2008, p. 104). Diferentemente disso, no encontro ficcional, o professor afirma que o protagonista “deseja passar por cima das diferenças”.

O que bem lança-se como polêmica em verdade e ficção, segundo caso dos limites da obra, é que, para o protagonista, “Nabuco tinha mais verdades para me mostrar, verdades que eu escondia de mim mesmo” (LACERDA, 2008, p. 104), mesmo ele se apresentando como ficção: “Querida testá-lo num outro terreno que não a história. Adotei o estilo cientista louco e temperamental. Depois inventei a pesquisa [...]” (LACERDA, 2008, p. 105), “O comportamento agressivo do professor era ele encarnado de personagem” (LACERDA, 2008, p. 105). Verdade e ficção, assim, na obra, mesclam o dizer e o ser.

Ser que se faz adulto pela experiência amorosa, como a de Pedro e Mayumi, mesmo pelo assombramento do abandono: “Tenho minha profissão, minhas pesquisas, assim como você tem as suas. Não basta? Mayumi não era menina, ou moça, era uma mulher completa” (LACERDA, 2008, p. 85). No tempo da juventude, dois opostos se atraem, como expressa o livro. Ela racional, ele sentimental. Ela arisca no amor, ele pronto para amar. Ela em busca de um saber legitimamente ocidental, ele à procura de si. Nesse encontro, o amor é posto à prova

quando Nabuco assevera que “os amores passam, os estudos ficam” (LACERDA, 2008, p. 90). Amor que, passado o tempo, permaneceu porque esperou, porque sentiu.

E a experiência de ser velho advém da relação com o outro na permissão de um sentir. O entendimento de fazedor de velho é apresentado no livro a partir de uma conversa sobre Mayumi entre Pedro e Nabuco. Ao aceitar o fato de deixar um brinquedo que havia ganhado na casa do padrinho – Nabuco –, isso quando ainda era criança, para que, quando voltasse tivesse a acesso a ele, Mayumi aceita tal frustração e nomeia o padrinho de fazedor de velhos entendido como: “Quem aceita frustração, espera, quem espera, pensa. Quem pensa, sente. Quem sente, vive o tempo, e sabe que ele está passando. Portanto, fica mais velho” (LACERDA, 2008, p. 97).

E esse viver passa pelo percurso da experiência com o tempo. Por isso, o professor, antes de responder ao fato de Pedro ter feito boa escolha ao se optar por história, lança a ele novo desafio: viajar no tempo. Desafio lançado, o alcance do tempo é apresentado de diferentes formas: máquina, sonho e outros, mas somente pelo narrativizar, pela prática da escrita, que ele é alcançado.

Para Aurora Neta (2014, p. 55), “A experiência discutida por Benjamim é algo que decorre da narração, ou melhor, da interlocução que ela instaura entre os ouvintes/leitores; da memória, da história e liga-se à formação do homem. Assim, este autor concebe a experiência intrinsecamente ligada à arte de narrar, de contar, de intercambiar; aos modos de ver, ouvir, ler e sentir. Algo que nos atravessa, nos toca e nos chega mediada pela percepção”. Resultado disso, é a escrita de um livro como revisitação temporal: passado e futuro inaugurando o presente, quer como recordação, quer como sombra porque ainda incerto.

Do presente fala a voz que instaura todos os tempos, por mais que negados, já que o protagonista se constitui pelo pai, pela mãe, pelo próprio Nabuco. Como corrente do tempo, como diria Chauí (1987), impossível demarcar fronteiras, enquadrar, transitoriar seria a opção para a constituição do humano que há no protagonista. Trânsito sem ruptura, como passagem, como ir que se alimenta a partir do tempo de ser outro, tempo de ser mais, tempo de ser diferente, resultando, com isso, o historiador da subjetividade.

1.3 Fronteiras temporais, históricas e literárias: artificialidade de apreensões

Indubitavelmente, a dimensão temporal atravessa toda a narrativa, seja quando o narrador-protagonista narra episódios de sua infância-adolescência, seja quando essa

propensão é desviada e alongada pela diegese que invade pesadamente as digressões de Pedro. Muito já se falou sobre a importância do tempo subjetivo-psicológico mesmo em textos que a voz e a onisciência tanto do autor, quanto da personagem e, até mesmo, da estrutura textual são subvertidos.

O que não é o caso de *O fazedor de velhos*. Tem-se a impressão de que o autor precisou guiar a narrativa, delineando os traços essenciais de seu protagonista principal, do velho Nabuco e da menina Mayumi, corrompendo as forças do tempo cronológico e entronizando uma dimensão temporal parecida com a do historiador italiano Giambattista Vico, na qual uma certa “circularidade” temporal preside a relação do eu com o mundo. Em Vico, o aprendizado ideal não se guia pela métrica cartesiana que praticamente deixa em segundo plano o senso-comum, o ir e vir da vida, a dialética entre transição e permanência, em nome da verdade que só o *cogitos* então permitiria.

Mas Vico, na sua Itália que está passando de jesuítica a cartesiana, teme que a arrogância dos novos mestres racionalistas faça para sempre estereis as mentes dos jovens, pois a educação geométrica, quando precoce, adelgaça numa só linha o engenho e deixa-o rombo e inepto à intuição do natural, à inteligência do poético e do histórico. (BOSI, 2000, p. 255).

No entanto, se o autor tomasse como guia não só Vico, mas outros pensadores que lidaram com a dimensão temporal diferentemente da que se tornou predominante com o alvorecer da história-ciência no século XIX teria encontrado na relação história e literatura, entre tempo e ficção, muito mais entrecruzamentos que um rígido esquema identidade-alteridade, pressuposto no cotidiano do rapaz e reforçado nas inferências do velho Nabuco. Talvez a concepção de história alinhavada ao longo dos capítulos tenha contribuído para tal limitação.

Relativamente rasa e uniformizadora do sentido da história, a história então abarcada funda-se ora na erudição e enumeração objetiva de fatos importantes do passado, ora numa que dá brilho, traz à tona imagens, gestos, crenças, objetos etc., e, por isso mesmo, validam expectativas historiográficas que tiveram sua voga, mas que, desde há muito tempo, vem passando por insistentes críticas e tendo que conviver com proposições historiográficas que, inclusive, borram ou tornam inexistentes os marcos demarcatórios e identitários entre história e literatura.

Para alguns historiadores contemporâneos, nas pegadas de Michelet, a história teria derivado da literatura. Entretanto, “a partir do século XIX, a História, *conhecimento das mudanças das sociedades humanas*, pretenderá se distanciar do mito, da religião e da

filosofia, para tornar-se *ciência* (REIS, 2009, p. 57, grifos do autor)”. Mas, já em pleno século XX, o projeto de história gestado e que predomina na contemporaneidade é o de uma disciplina sequiosa de um tempo lento, estrutural, reversível e na qual o historiador interroga seu objeto no diálogo com outras áreas do saber. Como é possível ler em *O fazedor de velhos* não é a essa “história” a que tanto Nabuco, quanto Pedro alude e faz ver.

A essa altura, duas questões se fazem necessárias: se a dimensão temporal se faz mister na narrativa de *O fazedor de velhos*, o que teria motivado o autor, Rodrigo Lacerda, a enrijecer ou flexibilizar os limites, cada vez mais imprecisos, malemolentes e opacos, entre literatura e história? Se é possível presumir um tempo onde o “fazer e fazer-se velho” dar-se-ia enfeixado da subjetividade revisitada, da experiência marcada pelos altos e baixos do viver e da sabedoria derivada do aprendizado tenso, porém, consciencioso do “aprendiz”, qual seria a margem do inusitado, do excepcional, do acaso nesse processo?

Arriscando uma possível chave de leitura para tais questões, admitimos que não só a linguagem leve do texto, afeita ao público leitor juvenil, mas também a interposição rígida entre o ficcional e o historiográfico e até mesmo as ilustrações que começam por ensejar a rigidez e a linearidade do tempo, que “escorre”, primeiro em uma ampulheta perfeita, depois em outras deformadas e, por fim, numa figura que a elisão de tal signo temporal sugere o inter-tempo, o tempo espiralado ou o não-tempo, enfim, em todos os aspectos parece-nos que a obra permite uma interlocução com o chamado “presentismo”.

Mesmo não considerando a história como a interface entre o “horizonte da expectativa” e o “espaço da experiência” (KOSELLECK, 2006, p. 305), parece que o autor não hesita em assumir uma perspectiva crítica em relação aos excessos concedidos ao presente, pois não faz tábula rasa do passado, nem abre mão de abrigar o tempo da espera em nome da megalomania do presente “que não passa”, que tem aversão à poeira do tempo. Mesmo limitando o tempo da história ao acontecimento ou à crença, *O fazedor de velhos* ao inferir que só a ficção permite a interação, o entrecchoque e a tensão entre os diversos tempos – do sujeito; da memória, sobretudo individual; do mundo; do porvir; da mudança; da permanência etc. –, é voz dissonante do movimento que quer “patrimonializar” o presente em detrimento do passado e do futuro, todavia, ao reforçar o universalismo da literatura reforça, por tabela, o dique entre história e literatura.

Considerações finais

O fazedor de velhos mostra um caminho de formação. Caminho guiado por conhecedores mais experientes, por intelectuais como pais e professores. Conduzido pela prática da leitura que se sustenta no poder de instauração do livro como diferencial pelo registro autor-obra-idioma estrangeiro, bem como no poder da leitura como distinção. Obra que acreditamos ser importante para a formação dos jovens, mas que, por esses melindres, necessita ser discutida pela mediação de um professor, de um guia, de um leitor mais experiente.

Nesse sentido, se Pedro pode ser conduzido pelas leituras que fez, assim como ocorreu inicialmente com Simone de Beauvoir, os leitores jovens desta obra, público almejado, leitor implícito, podem ter seu entendimento enriquecido quando críticas ali emanam. Longe de definir verdades e sim apontar sentidos, a obra em questão retrata um entendimento de que o início da formação do leitor ocorre na infância e quando bem conduzida, veja o papel de Nabuco, resulta na produção de um escritor cujo alcance ascende à história. História e história de leitor que fecundada solidifica-se em outro fazedor de velhos. Perspectiva cíclica cujo caminho é pela literatura.

Em todo o caso e contrariando aqueles que maquiam o já solapado dique, nos parece que o ideal é pensar com Vico, segundo o qual “nas águas salobras da História ainda não se perdeu o sabor doce do mito e da poesia” (BOSI, 2000, p. 257) e, ao mesmo tempo com Todorov, para quem “como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo) a experiência humana” (TODOROV, 2009, p. 77).

Mais do que isso, em *O fazedor de velhos*, o sentido de tempo parece ser a catapulta que lança indivíduos em franco processo de formação acadêmico-profissional marcado por frustrações, dúvidas, sensação de impotência e todos os sabores deixados pelo fantasma da “escolha errada” rumo a um encontro com uma suposta “escolha certa”. Quando Pedro descobre a leitura através de insistentes investidas no texto shakespeariano; quando declama versos de Alencar a sua pretendente; quando consegue cotejar a predileção literária da mesma com a que mais lhe apraz; quando supera sua “preguiça mental”, mergulhando nos clássicos; enfim, quando Nabuco leva-o a compreender que seu talento era voltado para literatura e não para a história, dá-se, no limiar desses momentos, o fazer-se velho ou o se fazer velho.

Isso não é uma experiência qualquer, trata-se da mais promissora das experiências, da que envolve humano em toda sua flagrante, ambígua e paradoxal propensão: afetos, paixões,

vícios, perversões, insídias, mortes etc., então ciceroneada pela leitura comprometida e nada diletante, pela releitura e por outras leituras paralelas, que levam o personagem a experimentar a condição da passagem do tempo. Mas o experimentar dos clássicos parece não contrariar o rol das demais experiências mundanas, afinal, em nenhum momento do texto o autor deixou pistas que pudessem levar seus leitores a suporem outra “vocação” para o garoto Pedro que não fosse a de pendor literário, tampouco o “aprendizado” junto a Nabuco pode ser confrontado com o que fora auferido junto aos pais. O enlace do livro – da infância à vida adulta – endossa, desse modo, a literatura como legitimação formativa de ser leitor e escritor.

REFERÊNCIAS

- AURORA NETA, Maria. 2014. *A leitura como experiência estética*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. Ed. São Paulo: Editora USP, 1987.
- LACERDA, Rodrigo. *O fazedor de velhos*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução Carlos Vogt. Pontes Editores: Campinas, SP, 2011.
- REIS, José Carlos. *História, a ciência dos homens no tempo*. Londrina, EDUEL, 2009.
- SILVESTRE, Simone Michelle. 2007, 134f. *Sobre o que é ser escritor no discurso de Ana Maria Machado*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro, DIFEL, 2009.